

Editor proprietário: José Bernardo da Silva

HISTÓRIA DO

Boi Mandingueiro



— E O —

Cavalo Misterioso

Preço: 50 Cruzeiros

776

cat. 625

1027



O CAVALO

Misterioso

EDITOR
PROPRIETARIO

José Bernardo da Silva

História do Boi Mandingueiro E O CAVALO MISTERIOSO

No Rio Grande do Norte
havia um fazendeiro
era muito respeitado
pela fama do dinheiro
criava numa fazenda
para qualquer encomenda
um grande Boi Mandingueiro

Esse Boi quando corria
segundo diz o boato
tinha equilíbrio ao corpo
com ligeireza de gto
p r meio de forte mandinga
corria mais na caatinga
do que veado no mato

Na carreira éle arrancava
ju á velho de móllo
a biá e morró
levava tudo no rôlo
qu brava paus com as pontas
esp-daçando as vergóntas
estado longe o rebólo

- 3 -

Pulava montes de pedras
com dez palmas de altura
saltava riachos fundos
com 30 ou mais de fundura
com asas de bacurau
passava em galhas de pau
com a carreira segura

Porém precisa dizer
como foi seu nascimento
para o leitor amigo
ter melhor conhecimento
sem afastar-me da verdade
descrevo a fatalidade
sem fantasia e aumento

Bra o capitão Monteiro
o dono do boi falado
no Rio Grande do Norte
era o mais respeitado
tinha cinco mil cabeças
além de outras r meças
entre animais e gado

Esse tinha uma vaca
chamada Eadi-brada
a qual fez muito vaqueiro
voltar de mala arrastada
seu nome immortalizou
morreu e nunca encontrou
quem pegasse na rabada

Estava quase caduca
e nunca tinha parido
tanto que o fazendeiro
vivia dela esquecido
não fazendo conta dela
talvez pensando que ela
até tivesse morrido

Um dia o fazendeiro
a dita vaca encontrou
com o bucho muito grande
admirado ficou
vendo a vaca amojada
com a pança muito inchada
dela muito caçocu

Então mandou um vaqueiro
pegar a endiabrada
então mandou botar ela
no cercado da Rajada
e não se desculhasse dela
---Tenha cuidado com ela
daqui para a madrugada

Disse então o vaqueiro:
---Pegarei aquele cão
que vaqueiro nunca teve
o gosto de pôr-lhe a mão
mas como esta danada
está com a pança inchada
talvez não faça ação

Adiante encontrou-a
numa sombra descansando
então botou-a na frente
e ela saiu andando
fingindo fazer afrontas
cavando o chão com as pontas
como novilha marrando

Meditava o vaqueiro
levando a endiabrada
dizendo no pensamento:
o filho desta danada
se ela não abortar
se acaso se criar
é pra fazer palhaçada

No outro dia seguinte
a vaca tinha parido
um bezerro muito gordo
preto, retato e nutrido
porém a endiabrada
no chão morta estirada
do parto tinha morrido

Quando o vaqueiro chegou
encontrou ele mamando
e ela morta já dura
ela ainda puxando
voltou então o vaqueiro
como uma flaxa, ligeiro
a história foi contando

O fazendeiro lhe disse:
leve a vaca lubisome
amamente o bezerrinho
não deixem morrer de fome
não vá descuidar-se dele
tome cuidado com ele
enquanto o bichinho come

Afinal levou a vaca
o bezerrinho aceitou
mamava nela, porém
cunha à ela acompanhou
com um mês de amamentado
por ele ser o culpado
a lubisome engeltou

E berrava com fome
sem ela deixar mamar
revoltou-se contra ela
fez ela à força deixar
depois que ela mamou
os peitos dela arrancou
para melhor se vingar

A vaca ficou doente
alt de ubre inchado
o bezerro foi embora
daquele mesmo cercado
o vaqueiro foi na batida
achou o lugar da saída
por onde tinha passado

O vaqueiro então contou
a mesma verdade pura
que ele pulou a cerca
que era alta e segura
feita mesmo a capricho
sômente pra botar bicho,
com 12 palmos de altura

O vaqueiro foi atraz
mas nem o rastro encontrou
parece que oriu asas
e neste dia vou
diz o vaqueiro zangado:
parece que o danado
o demônio carregou

Um certo dia o vaqueiro
andando a se distrair
ouviu em uma floresta
um grande touro mugir
no meio do esqueito,
Ele achou tão bonito
que foi de perto ouvir

Adiante encontrou
um touro preto pontudo
com as pontas amarelas
pretinho como veludo
de corpo gigantesco
nos quatro pés perfilado
elhando bem carrancudo

— 1 —

Credel disse o vaqueiro
sentindo uma comecção,
um touro dessa espécie
ou nunca vi no sertão,
com chifres descomunais
conheceu pelos sinais
ser o mesmo barbatão

Assombrou-se quando viu
aquêlê touro proutudo
em cêrca de vinte léguas
êlê conhecia tudo
era impossível que houvesse
fazendeiro que tivesse
um só garrote orelhudo

Beteu o cavalo nêlê
para ver se o pegava,
desembestou e correu,
parecendo que voava
porém o Boi Mandingueiro
tinha o corpo tão ligeiro,
que só o chôto ocupava

Pisava em cima de tudo,
nada lhe embarçava,
moitas grandes e mufumbos
no peito êlê levava
pau a' arco e juazeiro,
jurema preta e pereiro
com as pontas arrancava

--- 2 ---

Dando sem, duzentas braças
de distância ao vaqueiro,
revirando paus e pedras
com o corpo tão ligeiro
parecendo Ferrabras,
em vez dêle, Satanaz
correndo no taboleiro

Voita o vaqueiro deente
e o cavalo cansado,
foi dizer ao patrão
o que tinha se passado
disse o amo assim a êle:
puxa à vaca mãe dêle
que soube dar e recado

Vá à fazenda Anglico
chamar Francisco Feitosa,
chame também Catarino
e José Torre da Rosa,
diga a êle que traga
amanhã em hora vaga
a bêsta valha gulosa

Prontos chegaram todos
cada qual mais atamado
pra derribarem o boi,
vinham de plano formado
disse ali o capitão:
inã o boi sendo o cêo,
eu quero vê-lo pegado

Quando chegaram no mate
encontraram o Mandingueiro
naquelle mesmo lugar
que encontrou o vaqueiro
com a frente para o norte
deu um mugido tão forte
que zueu no taboleiro

Correndo no mesmo chôto
dos vaqueiros caçoando
duzentas, trezentas braças
ia na frente deitando
rompendo forte madeira
depois só viram a poeira
ele no meio pulando

Disse Francisco Feltoza:
é azeira peléjar
este boi é o demônio
que consegue nos tentar
nada se pode fazer
vltimos, vamos dizer
que não podemos pegar

Vltaram então os vaqueiros
e disseram ao patrão:
o boi não há quem o pegue
parece uma maldição
não corre, só chateando
dos vaqueiros caçoando
faz a pintura do cão

Disse o vaqueiro Zé Terres:
furei a besta gulosa
esta saiu como um raio
em noite tempestuosa
porém o boi velho é esse
correndo no mate grosso
não é de graça nem prosa

-- Aquelle nasceu dotado
para no mate correr,
com tanta velocidade
que nem a sombra se ver
vaqueiro vai comer ruim
cavalos bons terão fim
se fôrem com êle mexer

Dizera o fazendeiro:
vá à fazenda lagá
chamar Chico Vitorino
Pedro José Carcará
não é cousa de segredo
diga que amanhã bem cedo
com urgência venha cá

No outro dia chegaram
na fazenda do patrão
— Prontos estamos coronel
à sua disposição
mandou-os logo o fazendeiro
pegar o Boi Mandingueiro
êles disseram: pois não

Enfim dos outros vaqueiros
êles fizeram caçoda
então murmuraram os outros:
vão também na enxurrada
o boi é onça no pasto
vocês só pegam o rasto
voltam de mala arrastada

Profere Chico Feitosa:
a muito que sou vaqueiro
tenho derrabado boi
que dizem ser feiticeiro
como aquele matoral
eu nunca vi animal
do mocotó tão ligeiro

Disse Pedro Carcará:
vocês não campeam bem
eu agora vou mostrar
se o danado não vem
pra isso não peço arrego
meu cava Ferro-e-Fogo
nunca respeitou ninguém

---Meu cavalo Ferro-e-Fogo
uma vez no taboleiro
eu vinha até descuidado
encontrei um capoeiro
naquele mesmo flagrante
dei um grito de alevante
já vi cavalo ligeiro

Com cem metros de carreira
eu arrastei o veado
matei o bicho de queda
e fui comê-lo guisado
para casa morto foi
garanto que este boi
hoje mesmo vai pegado

Quando chegaram no mate
o boi estava malhando
debaixo de uma jurema
foi logo se levantando
botaram o cavalo nêlo
só viam o vulto dêle
quinhentos metros distante

Carcará velho atraz dêle
desembestou a correr
no cavalo Ferro-e-Fogo
vendo hora morrer
sem receio da desgraça
escureceu de fumaça
mas sem o fogo acender

De carreira enfiada
herivelmente corria
no cavalo Ferro-e-Ferro
que a terra estremecia
naquela bruta carreira
do boi só viam a poeira
subindo na ventania

Correu mais de duas léguas
rompendo forte madeira
vindo só na frente d'ele
um redemoinho de poeira
o boi danado correndo
então ficou conhecendo
que não era brincadeira

--Oh! que boi endiabrado!
sei apenas choteando
porém numa ligeireza
que parece ir voando
é o diabo que o regue
este não há quem o pegue!...
volta o Carcará chorando

Volta Pedro Carcará
o boi no mato ficou
af dos outros vaqueiros
grande vaias éle levou
porque era farofeiro
ali mesmo o fazendeiro
d'ele muito caçou

Disse Pedro Carcará:
a coisa assim não vai boa
os senhores bem que sabem
que não sou vaqueiro atoa
quem me conhece assegura
que este é boi em figura
mas o diabo, em pessoa

Correu a fama no mundo
d'este boi endiabrado
viu então da Bahia
um vaqueiro atestado
pegar o Boi Mandingueiro
que era forte e ligeiro
para ser patenteado

O vaqueiro era mulato
moço e bem carrancudo
de cabelos cachados
bigode grande e felpudo
tendo os fias um defeito
zarólho do olho direito
era quase tartamudo

Quando o fazendeiro viu
a figura do mulato
disse: o boi agora vem
este cabra não é pato
este cabra é danado
e está acostumado
derrubar gado no mato

Outros diziam: Este cabra
parece ser feiticeiro
pode ficar na certeza
que este é verdadeiro
nos mostrava experiência
só é quem tem competência
de pegar o Mandingueiro

Outros diziam ao centrário:
 e boi não é brincadeira,
 éle vem rimar vergonha
 correndo na capoeira,
 depois de correr no campo,
 tem que voltar com sarampo
 e a sarna comedeira

Outro dizia sorrindo:
 éle é pobre até de fala
 fala tartamudeando
 parece que se entala,
 éste ainda não foi
 pensará que pega o boi,
 em vez de boi pega a mala

O cavale era cardão,
 tamanho demasiado
 grande, de corpo franzino,
 forte e bem encascado,
 denominado «Relampo»
 era uma águia no campo,
 na arte de pegar gado

Perguntaram: de onde vens?
 disse éle: da Bahia,
 eu vim aqui porque soube
 que a vossa senhoria
 tem um boi agigantado
 que dizem ser endiabrado,
 e que corre em demazia

Diz o capitão: sim senhor,
 é um boi estoperado,
 não corre, sai choteando
 em um chôto tão danado
 que o vaqueiro não pega,
 quem corre atraz arrnega,
 traz tudo atormentado

Amanhã muito cedinho
 o senhor pode mandar
 uma pessoa comigo
 pra ésse boi me mostrar?
 nesta vida não sou cego,
 só creio que não o pego
 quando me deseaganar

No outro dia cedinho
 saíram com o vaqueiro,
 adiante encontraram
 o dito Boi Mandigueiro,
 disse o mulato em cuchixo:
 ---parece que éste bicho
 tem o mocotó ligeiro

O referido vaqueiro
 chamava-se Zé Tomaz
 infeliz do barbatão
 que éle corresse atraz
 porque o cavale déle
 indo correndo néle
 pegava até Satanaz

No boi estava escrito:
eu sou o boi Urutuba
para correr na floresta
na caatinga sou cotuba
todos conhecem este fato
o seu cavalo é um pato
e você não me derruba

Aí numa descida
desembestou a correr
dentro da caatinga bruta
fazendo a terra tremer
em cima da pedra dura
com a carreira segura
se ouvia o casco bater

Pulando monte de pedra
com descomunal altura
passando em ganchos da pau
sem reparar a grossura
grande fumaça soltando
quinhentos metros distante
ao vaqueiro Ventura

Correu mais de duas léguas
o cavalo enfraqueceu
ficou todo afrontado
dessa carreira que deu
quando apeou-se da sela
estorou dentro a moela
caiu no chão e morreu

Zé Tomaz deixou-o morto
não quiz trazer nem a sela
quase morto de cansado
batendo muito a moela
para um vaqueiro afamado
muito pegador de gado
cair em tal esparrela

Na casa do fazendeiro
ele a história contou
dormiu porém não comeu
no outro dia arribou
ficou com tanta vergonha
que esta foi tão medonha
que nunca mais campeou

Diz então o fazendeiro:
o vaqueiro que pegar
ganha dez contos de réis
na espécie que desejar
terá mais a maravilha
pois darei a minha filha
para com ele casar

Corre a notícia ao mundo
e toca chegar vaqueiro
com o intuito de casar
com a filha do fazendeiro
naquela vida risinha
só iam sofrer vergonha
correndo ao taboleiro

Gato, cachorro, urubu
desciam tudo encourado
para pegar esse boi
chegavam tudo animado
viuvos velhos dementes
que não tinham mais os dentes
pela moça apaixonados

Vinha um tal Vitoriano
em um cavalo alazão
vaqueiro velho de fama
em todo aquele sertão
pegou contar pabulagem
mostrando grande vantagem
ali presente ao patrão

---Meu cavalo Pensamento
nunca botou boi no mato
e nem precisou de esperas
ele é veloz como o gato
todos são conhecedores
bois velhos mui corretores
nas unhas dele são patos

Disse Antônio Benvenuto:
o meu cavalo Russinho
para correr na caatinga
nunca temeu a espinha
pra correr não dá cavaco
corre dentro de buraco
como no meio do caminho

Respondeu José Brejetro:
meu cavalo Bolandeira
nunca encontrou correndo
boi da canela ligeira
nada posso duvidar
inda posso encontrar
uma vez sendo a primeira

Diz Pedro Sebastião:
o meu cavalo Suveta
corre dentro da castiça
sem arrenhar a caçola
muitas vezes tem deixado
boi velho estuporado
no chão fazendo barrela

Disse Neco Bacurau:
o meu cavalo Visão
corre dentro de buraco
sem dar um entropiço
boi bravo, vaca maninha
tudo tem sorte mesquinha
derribo e boto no chão

Horácio Raposo disse:
meu cavalo Capivara
tem o fiel de balança
que nunca roubou a tara
para correr está só
correndo, nunca um cipó
pêde arranhar minha cara

Clemente Juriti disse:
 o meu cavalo Vendo
 nunca foi ao campo
 para não dar o recado
 barbatão do pé de serra
 na frente dêle só b'rra
 depois de está amarrado

Bemvindo de Souza disse:
 o meu cavalo Traira
 nunca correu na caatinga
 para me deixar na tira
 se agacha como p-ba
 corre dentro da cambaba
 chique-chique e macambira

Respondeu Martins Piaba:
 meu cavalo Sarapó
 desgraçado é o boi
 que ganhar-lhe o moatê
 quando dou um arrastão
 cal mais ligeiro no chã
 do que preá no quichô

Anselmo Trajano disse:
 o meu cavalo Floresta
 quando corre atraz de gado
 parece que desembesta
 inda o boi sendo brabo
 se en pegar-lhe no rabo
 está comigô de testa

Diz Galilno Sanharão:
 o meu cavalo Curisco
 se não fizer o que eu digo
 a própria vida eu arrisco
 pegou o boi furacão
 mesmo no pé do meurão
 que morreu lá no aprisco

Murmurou Felix Pachêco:
 o meu cavalo Urano
 para p'gar boi no mato
 criou nos ossos tutano
 se houver bicho que aguenta
 desembaraçadamente
 na caatinga corre um aao

Disse Alaixio Pintado:
 meu cavalo Pirilampo
 é uma cobra bravlia
 quando se estira no campo
 tem mais fôrça que um mouro
 é um trovão de estouro
 é falisca de r.lâmpago

Tudô contava vantagem
 ninguem por baixo ficava
 cada qual o mais esperto
 tudo ali se pabulava
 na filha do fem-nieiro
 e no grande Boi Mandingueiro
 só era em qua se falava

Tudo chegava arrufando
com um gracejo risonho,
querendo pegar o boi
naquela ilusão ou sonho
sempre chegavam serrindo
e quando iam saindo
era um momento tristonho

A filha do fazendeiro,
a formosa Leonor,
era uma moça branca
mais lida que uma flor
tinha um primor profundo,
abismava todo mundo,
a filha desse senhor

Com quinze anos de idade
tendo formosa grossura,
tranças louras, olhos azuis
de côr celeste bem pura,
lábios finos, bem corados,
pequeninhas, nascradas,
com sublime formosura

Agora, illustre amigo,
deixemos o anjo formoso,
vamos falar em Genésio
e no Cavallo Misterioso,
mais veloz do que um gato,
que para correr nomato,
era também perigoso

Havia no Piauí
um velho também vaqueiro
a quem o povo chamava
o velho catiboseiro
diziam que no sertão
pegava até barbatão
correndo no taboleiro

Tinha uma bêsta velha
chamada Misteriosa
era quem êle pegava
boi de fama espantosa
o cavale de fiança
que correndo nunca cansa
em quem sustentava a prosa

Estava quase esduca
e nunca tinha parido
o velho aposentou ela
vivia dela esquecido
ehela de môle e gafeira
e a serna roedaira
pensava já ter morrido

Um dia casualmente
encontrou a Misteriosa
com o bucho muito grande
gorda e muito formosa
êle era engraçado
ficando admirado
disse com ela uma prosa

— No tempo da mocidade
nunca me deste um poltrinho
agora depois de velha
queres me dar um bichinho?
só quero que seja esparto
e corra mais no deserto
de que mesmo passarinho

Pegou a besta e levou
e botou-a no cercado
à meia-noite pariu
um poltro bem encasgado
preto da cor de carvão
tendo um sino salomão
no peito, bem enbarnado

Com a crina amarela
a cauda da mesma cor
disse o vaqueiro sorrindo:
que animal de valor!
não se vê uma costela
dá um um cavalo de sela
que não há superior

O velho com muito gosto
ensinou-o a campaar
touro velho arelhado
que não podia pegar
davam a ele de meia
no barro duro e na areia
não podia escapar

O velho dava de graça
à pessoa que montasse
no Cavalo Misterioso
e com espasmos furasse
e o bicho que correndo
no mato bruto tremendo
que com ele não p-gasse

Por dasventura do velho
adoeceu de sezão
conhecendo que morria
chamou o filho a atenção
ali soltando um gemido
disse: faça-te um petido
filho do meu coração

— Você se saça ficar
pobre e necessitado
venda a casa, venda a terra
e arremedei com o gado
mas o cavalo não venda
pois ele é uma prenda
de valor mais sublimado

— Não empreste a ninguém
o cavalo nem a sela
faça toda impossível
para não se dispor dela
ela em cima do cavalo
Satanaez se provocá-lo
você derruba com ela

---Esta sela eu herdei
do finado meu avô
que êle tinha herdado
do velho meu trisavô
junto de Boa Esperança
recebeu como herança
dum tio do bisavô

---O velho meu trisavô
chamava-se Zé Tiúca
no dia que se danava
que bolia na combuca
ali quase ao pôr do sol
pegava alma de anzil
lubisomem de arapuá

---O pai do meu trisavô
chamava-se Afonso Bôjo
quando estava danado
levava tudo de arrêjo
na terra e no espaço
pegava calpora de laço
mula de padre de fôjo

---Foi feita mesmo a capricho
de couro de lubisomem
fantasma, mula de padre
bichos q'ê vivem e não comem
ê rainha da floresta
outra da espécie desta
não fará mais outro homem

---Com esta sela o cavalo
corre mais do que o vento
se por acaso açoitá-lo
passa do regulamento
digo com sinceridade
tem tanta velocidade
que passa do pensamento

---Quando você montar nêlo
precisa sempre ter mêdo
cultiado quando montar-se
pra não gostar de brinquedo
êle é misterioso
além disso é perigoso
carrega oculto o segredo

Além dessas consequências
êle é cheio de mania
fica magro na espinha
da meia-noite pro dia
tanto que quem não conhece
vendo isto esmorece
e muito até desconfia

Morreu o velho vaqueiro
então Genésio ficou
com o cavalo de campo
a alguém nunca emprestou
boi velho no Piauí
virou cágade jabuti
nunca mais se pabulou

Na casa daquela sela
êle achou um Sto. Antônio
uma cração muito forte
que espantava o demônio
um postal com dois amantes
ambos formosos e constantes
em ato de matrimônio

Achou também uma cruz
fada de frei Serafim
a qual tinha um letreiro
que se via escrito assim:
«nesta foi onde morreu
«e por nós muito sofreu
«Nosso Senhor do Bom-fim»

Um cordão de S. Francisco
em um pano embulhado
e mais um rosário bento
tenho um crucificado
Conélio examinando
disse depois suspirando:
o velho era preparado

Em casa do tal Genésio
arraschou-se um boiadeiro
do Rio Grande do Norte
homem sério e verdadeiro
tendo o fato na memória
lhe contou tôta história
do dito Boi Mandingueiro

Quando o boiadeiro viu
o Cavallo Misterioso,
então disse assustado:
—que animal valeroso,
além de sua bondade
demonstra a qualidade
de ser muito perigoso

— Não senhor, é muito manso
porém aqui no sertão,
boi que nunca foi ao curral
de riba e boto no chão,
se criar asas e voar,
eu também subo no ar
e vou com êle ao mourão

-- E porque você não foi
ao Rio Grande do Norte,
pegar um boi que tem lá
bico de canela forte?
não há vaqueiro no mundo
por mais que seja profundo
para mutá-lo de sorte

Vaqueiro velho de fama,
que é veloz como bala,
vai pegar o Mandingueiro
fics surdo e sem fala
dá lá carreira medonha,
sofre sempre a vergonha,
arrasta por fim a mala

Disse Genésio: de fato,
e esse boi é assim,
porém ele nunca viu
um cabra de volta ruim
no mato, sou revoltoso,
meu cavalo é perigoso,
não há mandinga pra mim

Por hora, caros leitores,
vou fazer um paradeiro,
vou descansar um pouquinho
pra prosseguir no roteiro
de Genésio, o perigoso,
o Cavalo Misterioso,
e o grande Bai Mandingueiro

Depois, no outro volume
havemos de conhecer,
na pega do Mandingueiro
o que vai acontecer
tristeza, angústia, massada,
prazer, amor e risada
para a barriga doer.

FIM -- Juazeiro, 5 - 1 - 63

Preço: --- Cr.\$ 50,00

TIP. São Francisco

José Bernardo da Silva

Mantém um variado sortimento de romances, Folhetos, Novenas, Orações etc. Grande desconto para os revendedores. Também tem a venda o famoso Luneta Moderno, com todos os cálculos astrológicos para os invernos do Norte Brasileiro.

Não standemos esquecer postal

Rua Sta. Luzia, 263 - Juazeiro - Ceará

AGENTE

Maria Athayde. - Rua S. Miguel, 172
Carua Rá - Pernambuco

5113

01/10/15